



## AS MODIFICAÇÕES NO ENSINO DE HISTÓRIA MILITAR NA ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS (1949 -2011)<sup>1</sup>.

EDUARDO VASCONCELLOS DE ALMEIDA<sup>2</sup>

**Resumo:** A Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) é uma academia de nível superior que tem como principal atribuição formar seus oficiais nas suas Armas, Quadros e Serviços e prepará-los para liderarem suas frações com o conhecimento técnico de cada especialidade, mas também pelo seu preparo intelectual. Por este motivo na AMAN os estudos militares têm uma carga horária dividida com os estudos seculares, não basta ao oficial possuir somente o saber militar e sim ter um conhecimento global para ascender perante seus subordinados. Neste contexto a História Militar ocupa um papel de relevo como importante disciplina transmitida ao cadete, porém com o passar do tempo sua abordagem foi sendo modificada e sua forma didática também. Fica importante salientar que a AMAN assim como a própria sociedade brasileira no período abordado passou por diversas transformações, bem significativas, que contribuíram, sem dúvida, para as diferentes formas que a História Militar foi sendo transmitida pelos docentes em cada período. Este artigo estuda as modificações em que a História Militar passou como disciplina curricular na AMAN e aponta, se possível, os principais fatores e os personagens que atuaram nas mudanças ocorridas. Este estudo foi baseado em análise documental, principalmente nos manuais, livros e notas de aula utilizadas no período compreendido para demonstrar as modificações ocorridas em sua abordagem metodológica.

**Palavras-chave:** AMAN. História Militar. Formação. Modificações.

### 1. INTRODUÇÃO

A História Militar é uma das partes do estudo da História Geral, porém dentro de uma academia militar recebe uma posição de destaque. Na grande maioria das academias militares o estudo dessa disciplina é tido como importantíssima para seus alunos, pois o conhecimento das manobras, lideranças, táticas, estratégias, batalhas e guerras será o embasamento intelectual no saber da arte da guerra, de suma importância para a profissão militar.

---

<sup>1</sup> Artigo apresentado como requisito parcial para conclusão do curso de Especialização em História Militar, da Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL. 2020. Orientador: Professor Luiz Carlos Carneiro de Paula, Graduado no Curso de formação de Oficiais de Engenharia pela Academia Militar das Agulhas Negras, Brasil (1956). Professor Titular na Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL.

<sup>2</sup> Acadêmico do curso de Especialização em História Militar da Universidade do Sul de Santa Catarina – Unisul. E-mail: eduvicvi@yahoo.com.br.



Todavia a História como disciplina passou por diversas mudanças na sua metodologia e escolas historiográficas foram surgindo, destacando-se para esse trabalho principalmente duas delas, a Historiografia Alemã, conhecida como historiografia cientificista e metódica do século XIX e a Escola de Annales na historiografia do século XX.

É importante destacar ambas, pois suas influências foram de certa forma utilizada no ensino de História Militar na AMAN, objeto deste artigo. A escola metódica era baseada numa história política, em que os grandes líderes e as grandes batalhas significavam a importância maior no estudo dessa área do conhecimento e que era tido como fundamental seu aprendizado nas escolas militares, a história como MESTRA DA VIDA.

Essa visão foi utilizada e defendida em uma primeira fase, no início do corte histórico proposta na pesquisa. Conforme o professor Coronel (Cel) Pedro Cordolino Ferreira<sup>3</sup>, principal nome da Cadeira de História Militar da AMAN nesse primeiro período,

A História é, pois, uma ciência por excelência e verdadeiro guia da humanidade. Não tem mais aquela definição simples e sem colorido, com raízes na própria significação do termo na língua grega – História: sinônimo de informação – e sim o senso profundo e perfeito com que definiu Cícero: o de mestra da vida. (AZEVEDO, 1949, p. 18).

Lógico que o professor Cordolino era um homem do seu tempo e buscou com as ferramentas que possuía fazer o melhor possível no aperfeiçoamento dos cadetes, sendo louvável todo seu empenho durante o período que esteve à frente da Cadeira de História da AMAN, como será demonstrado neste artigo.

Em um segundo momento o ensino da AMAN seguindo orientação do Estado-Maior do Exército teve uma ruptura com a forma de abordagem e metodologia, os quais foram sentidos principalmente na disciplina de História Militar. A Escola de Annales seria a nova influência na AMAN. A História nessa perspectiva dialoga com as demais disciplinas e

---

3 O Coronel Pedro Cordolino Ferreira de Azevedo foi professor na Escola Militar do Realengo desde os anos finais da década de 1910, transferiu-se junto com a Escola para a cidade de Resende, onde atuou nos primeiros anos. Lecionou História Militar no curso de formação de oficiais combatentes do Exército por 26 anos. Quando se aposentou, o professor juntou suas notas de aula em um livro. A edição conhecida foi publicada pelo Departamento de Imprensa Nacional no ano de 1950, com o título de História Militar, volume 01 (um), que versava sobre História Militar Geral. No entanto, existem informações de uma publicação do ano de 1946. No ano de 1998, a Biblioteca do Exército (BIBLIEX), lançou uma nova edição do volume 01 (um), sobre o mesmo título.



percebe a História Militar através de um contexto mais amplo do que os grandes líderes e até mesmo das grandes batalhas. Na visão dos teóricos dessa escola as guerras são frutos de vários fatores como culturais, geográficos, estruturais, entre outros.

Outro fator importante é a preocupação em transmitir a história de uma forma científica com uma metodologia predeterminada (SANTOS, 1998), isso é afirmado pelo segundo nome importante de nosso estudo, o Coronel Francisco Ruas Santos<sup>4</sup>, que assumiu a Cadeira de História da AMAN após o professor Cordolino.

Para a metodologia do estudo de História Militar, a Seção de História Militar da AMAN publicou o livro-texto Teoria e pesquisa em História Militar. Esse livro serve de guia aos trabalhos de análise e síntese, que os cadetes são chamados a realizar em suas atividades no Curso de História Militar. (SANTOS, 1958, p.17).

A mudança de orientação e metodologia teve uma longa duração e influenciou diretamente uma grande parcela de oficiais formados pela AMAN. Ao trazer o ensino para uma conjectura científica Ruas Santos proporcionou uma modernização no estudo de História Militar na AMAN, aproximou indiretamente essa área de conhecimento com as ministradas nas academias civis e facilitou o terceiro período, já nos anos 2000, que será observado neste artigo, o período de aproximação entre historiadores militares e civis e uma maior troca de conhecimentos entre eles.

Baseando-se no estudo do corte histórico proposto em que a influência dos Chefes da Cadeira de História Militar da AMAN foram fundamentais como ruptura com os períodos anteriores a eles, com as mudanças de seus materiais didáticos, das suas formas de abordagem e da metodologia utilizadas buscou-se responder os questionamentos feitos e também ampliar a visão sobre as modificações e consequências ocorridas pelo estudo de História Militar na AMAN, no período de 1949 até 2011.

Na sequência deste estudo foram realizadas análises comparativas dos manuais, apostilas e livros de história militar, utilizados pela AMAN no corte histórico escolhido, tendo como elementos balizadores a importante contribuição do Cel Cordolino e do material

---

4 O Coronel Francisco Ruas Santos foi chefe da Cadeira de História Militar da AMAN no período de 1958 a 1963. Foi o responsável pela preocupação em apresentar uma metodologia de ensino da História de forma científica na Academia.



didático elaborado por ele, a não menos importante contribuição do Cel Ruas e sua metodologia e finalizando essa análise com o manual utilizado no último recorte proposto.

A pretensão deste artigo é demonstrar que ocorreram transformações metodológicas no ensino de história militar na AMAN, fruto das mudanças historiográficas e também da própria sociedade como um todo, sem deixar de apontar o trabalho dedicado dos que estiveram à frente da cadeira de História militar deste tradicional estabelecimento de ensino do Exército Brasileiro.

## **2. Primeira fase (1949), Coronel Pedro Cordolino, LIVRO HISTÓRIA MILITAR.**

A primeira fase do estudo é uma fase repleta de transformações no mundo e no Brasil. Transformações essas que movimentavam nossa sociedade e seriam sentidas também dentro do Exército Brasileiro.

Faziam apenas 04 (quatro) anos que a maior das guerras havia terminado, causadora de milhões de mortes e que tanto impactou a humanidade, a 2ª Grande Guerra Mundial também proporcionou mudanças nas táticas, estratégias e principalmente nas doutrinas de combate. O Brasil, por exemplo, ao entrar na guerra possuía na sua base doutrinária forte influência francesa, que preconizava a defensiva e ao final da guerra o Exército Brasileiro havia modificado totalmente essa concepção ao aproximar-se da doutrina americana da ofensiva, que efetivamente saiu como grande vencedora no grande conflito bélico da humanidade.

Neste contexto a AMAN seguindo as tradições do estudo de história militar, balizador importante na formação de seus oficiais, teve a participação imprescindível do seu Chefe da Carteira de História Militar, o professor Cel Pedro Cordolino Ferreira de Azevedo, que era do Quadro de Magistério do Exército. O professor Cordolino de início teve que enfrentar alguns desafios para que o estudo de história militar pudesse alcançar um padrão mais produtivo para o conhecimento do cadete.

Na avaliação de Cordolino o tempo destinado ao estudo de história militar era muito limitado e por este motivo insuficiente para transmitir todo conteúdo necessário para uma melhor preparação dos futuros líderes de pequenas frações. Colaborando com a escassez de



horas curriculares a história militar ainda dividia e se vinculava com o estudo sobre estratégia e tática, o que na interpretação daquele mestre poderia banalizar os estudos em apenas análises de batalhas. Esta foi a primeira vitória do professor Cordolino que conseguiu desvincular os estudos doutrinários de estratégia e tática dos de história militar, passando a serem disciplinas diferentes.

À frente ainda da Carteira de História Militar teve ele a iniciativa de acrescentar todos os feitos militares da história de nosso país até aquele momento, uma vez que na grade de estudo era previsto somente a participação do Brasil na Guerra da Tríplice Aliança, ficando ausentes do estudo de história militar fatos históricos de nossas Forças Armadas. Existia de fato uma valorização dos feitos estrangeiros em detrimento aos nossos próprios feitos. Essa mudança feita pelo Cel Cordolino serviu para incutir no espírito do cadete admiração pelos heróis nacionais e pelo valor do povo brasileiro.

Outra crítica apresentada por Cordolino era que não existia uma padronização dos programas, dos conteúdos e mesmo de metodologia, porque a própria política de ensino do Exército vivia tendo constantes mudanças e por isso dificultava sobremaneira qualquer planejamento no sentido das matérias a serem ministradas e no aprofundamento das mesmas. Outro fator que chamava atenção era a falta de um material didático específico para o ensino de história militar, não havia nenhum livro ou mesmo manuais.

Com todos esses desafios o professor Cordolino começou a dar uma nova forma ao curso de História Militar da AMAN e principalmente a seu estudo. Ele utilizou sua vasta cultura e suas próprias notas de aula para padronizar o conteúdo e privilegiar os assuntos que ele julgava serem fundamentais para o conhecimento de seus alunos. Dessa forma ele unificou o material didático transformando suas anotações em livro base para o estudo de história militar. Material de tamanha qualidade que ainda tem seus reflexos na AMAN nos dias atuais.

O livro elaborado por Cordolino possuía duzentas e oitenta e nove (289) páginas divididas em dezessete (17) capítulos que tratam sobre a temática da História Militar, sua importância na carreira dos oficiais e em duas possíveis divisões para o estudo desta matéria, que seriam a evolução das armas ou centrada na figura ímpar do grande general Napoleão Bonaparte.



Lógico que outras temáticas são abordadas nessa obra, mas fica também evidenciada por toda ela que a história militar estudada é uma história baseada nos fatos políticos e nos grandes personagens dos conflitos, significativamente nos grandes generais. O livro de Cordolino tem subdivisões dedicadas a Júlio César, Alexandre, Aníbal, Frederico, Napoleão entre outros e também estudos das campanhas principais destes grandes generais.

A despeito da Escola de Analles estar presente na Europa nesta mesma época, desde o início dos anos 1930, fazendo uma verdadeira revolução na forma de abordagem historiográfica, Cordolino seguia a cartilha da historiografia alemã, ao não se aproximar de outras disciplinas, ou aspectos culturais, sociais, entre outros em suas análises.

O material didático elaborado pelo professor Cordolino focava na história política e nas decisões dos grandes líderes não havendo uma preocupação em fazer uma análise externa a história mais aprofundada. De maneira nenhuma esta observação seja tomada como crítica ao excelente trabalho feito por esse importante mestre que com grande esforço pessoal tanto beneficiou gerações de cadetes.

Para Cordolino o estudo de História Militar era imprescindível e vital a todos que fazem parte da carreira militar, porque só com um cabedal de conhecimento sobre os grandes líderes militares, as grandes batalhas e suas consequências, o militar em posição de decisão poderia fazer a melhor escolha na ocasião que fosse necessário, ele mesmo em sua obra diz o seguinte:

A importância do estudo de História Militar para formação intelectual e profissional do homem de guerra não pode ser posta em dúvida, já que a maior parte dos estudiosos das coisas militares, e mesmo famosos generais, aconselham seu estudo, sendo raros os que discordam desse parecer. (CORDOLINO, 1998, p.22).

No entanto, cabe salientar que apesar de o professor defender uma preparação intelectual baseada nos grandes generais e nas decisões tomadas por eles, Cordolino entendia que não era somente o estudo desse conteúdo capaz de decidir os futuros combates. Cordolino acreditava sim que o estudo da história militar facilitaria nas decisões em um conflito real, porém também compreendia que se os princípios de guerra podem ser constantes, os contextos, as variedades dos métodos de combate e os fatores não, sempre haveria diferenças e caberia ao líder estudado fazer suas escolhas, em cima de seu conhecimento e de suas próprias qualidades pessoais.



Ele destacava a importância da atualização no estudo de história militar para a melhor preparação nos combates futuros como sua afirmação “Cada guerra será a melhor escola da guerra seguinte e daí a importância do estudo da História na formação do homem de guerra para o dia de amanhã.” (CORDOLINO, 1998, p.25).

Sem dúvida a contribuição do professor Cordolino foi enorme para diversas gerações de seus estudantes e muitas das decisões tomadas por ele ainda são usuais na AMAN, tais como o estudo de todos os feitos em combates por nosso Exército, à importância de ter um material didático e a diminuição nas mudanças das grades da disciplina de História Militar.

### **2.1. Segunda fase (1960), Coronel Ruas Santos, LIVRO A ARTE DA GUERRA.**

A segunda fase abordada neste artigo tem início com a chegada do Coronel Francisco Ruas Santos como Chefe da Cadeira de História Militar da AMAN e sua importância nas modificações que seriam efetivamente realizadas na disciplina.

Antes existe a necessidade de contextualizar os acontecimentos daquela época para ampliar o entendimento da imposição vista pelo Exército em modificar a metodologia, os materiais didáticos, assim como os profissionais que ficariam à frente do estudo de História Militar da AMAN.

O mundo vivia os anos que passaram a história como GUERRA FRIA, onde as duas principais potências mundiais, Estados Unidos da América (EUA) e União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), travavam uma LUTA por mentes e corações, buscando sempre ampliar suas zonas de influências nos demais países. Esses anos trouxeram uma preocupação constante em haver uma última guerra, que poderia terminar com a raça humana e por esse motivo a arte da guerra se transformou em um assunto recorrente e mais importante ainda.

No Brasil não seria diferente trazendo também reflexos na estruturação da doutrina militar do Exército Brasileiro e consecutivamente no estudo de história militar na AMAN.

Nesse período houve um afastamento gradual entre a história praticada na AMAN com a das academias civis, pois estas estavam iniciando um movimento revisionista em que heróis nacionais como o Duque de Caxias eram denegridos em oposição à exaltação de personagens



como Solano Lopes, era o início de uma propagação ideológica de esquerda, que não passou despercebida pelo alto-comando do Exército.

Buscando manter a preservação dos valores nacionais e a memória dos heróis brasileiros foi tomada medidas para que o estudo de história militar dentro da AMAN permanecesse protegido de influências externas.

A primeira medida adotada foi à escolha de oficiais formados pela Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME) para ficarem a frente da Cadeira de História Militar, sendo eles os vetores de difusão do pensamento e da doutrina que o Exército Brasileiro queria manter. Nesta particularidade o chefe da Cadeira de História Militar da AMAN só poderia ser exercido por um oficial QEMA<sup>5</sup>. A partir desse momento a nomeação para lecionar nesta disciplina não seria mais para professores e sim para instrutores.

Desta forma o Comando do Exército garantia que sua doutrina e perspectivas seriam assimiladas desde o início da formação dos novos oficiais e também demonstrava a importância que a disciplina de história militar possuía como saber imprescindíveis para a cultura dos futuros líderes militares.

Coube ao Coronel Francisco Ruas Santos a importante incumbência de iniciar essa nova transformação e realizar as mudanças necessárias tanto na forma de metodologia, quanto na própria didática aplicada aos cadetes.

O Cel Ruas Santos possuía ainda um diferencial para ser instrutor chefe da Cadeira de História Militar, pois ele era um oficial que teve oportunidade de participar de uma guerra real, ele fez parte da Força Expedicionária Brasileira (FEB) por ocasião da Segunda Grande Guerra Mundial, tendo visto pessoalmente as misérias de uma guerra e os princípios da arte da guerra na prática. Essa experiência agregou ao Cel Ruas Santos a percepção da necessidade de uma maior compreensão do estudo de história militar pelo cadete.

O Cel Ruas Santos permaneceu como chefe da Cadeira de História Militar da AMAN de 1958 até 1963. Assim como o professor Cordolino havia deixado um legado, o Cel Ruas

---

<sup>5</sup> O oficial QEMA é aquele formado pela Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME). A entrada nessa Escola de Excelência do Exército é mediante concurso anual com provas de História e de Geografia. A formação na ECEME habilita ao comando de Unidades Militares e pode possibilitar a chegada do militar ao posto de general.



Santos igualmente deixou sua marca. Ambos foram responsáveis diretos pela qualidade do conteúdo elaborado para o ensino do cadete, da mesma forma pela metodologia aplicada. Sem dúvida houve grande diferenças entre os aspectos citados em relação ao gerenciamento que ambos adotaram, mas a dedicação, o entusiasmo e a vontade de realizarem seu melhor sempre estiveram presentes nos dois.

Ruas iniciou com uma mudança completa do material didático que ainda era baseada no livro do professor Cordolino. Foram adotados 17 (dezessete) volumes de livros-textos, com aproximadamente 2.500 (duas mil e quinhentas) páginas e cerca de 600 (seiscentos) mapas. Esta enorme quantidade de material já demonstrava que na visão do Cel Ruas Santos o cadete deveria ter ampla fonte de consulta e condições de se aprofundar através da pesquisa nos assuntos sem necessitar de seus instrutores.

Ao mesmo tempo em que o Cel Ruas Santos ampliava as fontes de consultas para o estudo de história militar, entendia também que havia a necessidade de padronizar um livro básico para aperfeiçoar o tempo de estudo do cadete, desta forma foi elaborado o livro A Arte da Guerra, que seria a principal fonte de conteúdo para o estudo daquela disciplina.

O Cel Ruas Santos foi o autor do livro A Arte da Guerra que era uma obra composta de 23 (vinte e três) capítulos e diversos subcapítulos curtos, totalizando 381 (trezentos e oitenta e uma) páginas, abrangendo da Idade Antiga até a Era Nuclear do séc. XX. Desde o início da obra se percebe uma nova forma de abordagem dos conteúdos, demonstrando uma nova didática. Buscava o Cel Ruas uma maior síntese dos assuntos e dessa forma um maior entendimento pelos cadetes.

Outro fator importante realizado pelo Cel Ruas Santos foi a busca de um estudo de história militar mais científico e através de pesquisas. O cadete não seria mais conduzido ao conhecimento por seu professor e sim teria que através dos apontamentos, das fontes de estudo, da leitura do livro base e até mesmo do debate de ideias entre eles produzir seu próprio conhecimento.

Grande diferença era apresentada aos alunos em comparação ao período anterior. Com o professor Cordolino tudo se encontrava no livro base, era uma história mais descritiva, baseada na narração, enquanto no período de Ruas Santos não bastava estudar só pelo livro base, inclusive não havia resposta ou soluções condicionadas na obra deste último, sendo o



próprio cadete responsável por buscar seu aprendizado junto às fontes individualmente ou com apoio nas aulas de seus instrutores de história militar (SANTOS, 1998, p. 17).

Houve desde o começo por parte do Cel Ruas Santos uma legítima preocupação em buscar uma forma de estudo em que a história fosse mais científica, isso comprovadamente pode ser verificado pela criação de mais uma obra de apoio ao estudo de história militar, que foi o livro *TEORIA E PESQUISA EM HISTÓRIA MILITAR*, com intuito de introduzir uma mentalidade de pesquisa científica e uma metodologia de estudo pré-determinada.

Outra característica marcante e diferente do período anterior foi aproximação com outras disciplinas para o melhor entendimento dos fatos históricos. Ruas Santos aproximou principalmente o conteúdo de história com o de geografia, onde buscava analisar os terrenos das campanhas, as condições climáticas que poderiam ter causado alguma consequência nas campanhas, as características dos povos envolvidos e o tamanho dos efetivos em referência a população dos oponentes, entre outras.

A aproximação com outras disciplinas junto com a mudança do foco principal que deixava de ser o estudo das decisões dos grandes generais e de uma história política, para uma história que devia ser desenvolvida através da análise de várias matrizes diferentes entre elas o cultural, o social e o psicológico, transformou o aprendizado de História Militar da AMAN em um processo mais próximo do que era preconizado na historiografia pela Escola de Annales e também introduziu uma história baseada em pesquisa e método.

O Cel Ruas foi responsável direto pela mudança na metodologia que era utilizada na AMAN até sua chegada. Seu livro *A Arte da Guerra* proporcionou um novo método de ensino e de aprendizagem em que a busca do conhecimento era alcançada através da síntese dos conteúdos baseadas em pesquisas.

## **2.2. Terceira fase (2011), MANUAL ESCOLAR – HISTÓRIA MILITAR GERAL.**

A terceira fase proposta como parâmetro para este estudo inicia no ano de 2011, ou seja, nos primeiros anos do século XXI e também marca uma ruptura de metodologia e de particularidades dentro da Cadeira de História Militar da AMAN como será visto a seguir.



Diferente dos outros dois períodos próximos da Segunda Guerra Mundial e dos anos de Guerra Fria, em que existia um medo real de uma nova guerra com potencial de destruir o planeta, a década de 2010 foi caracterizada por menores chances de uma guerra mundial, ou mesmo de destruição total.

Lógico que não foram anos exclusivamente pacíficos e sem nenhuma possibilidade de conflito de grande escala, porém com a queda da URSS e o enfraquecimento socialista na Europa as tensões no cenário das nações diminuíram consideravelmente. Nesta última década têm ocorrido conflitos armados, guerras regionais e combates em diversas partes do mundo, porém as grandes nações militares têm buscado mais na diplomacia as soluções do que propriamente numa guerra convencional.

Entretanto uma nação deve sempre estar preparada para se for preciso ter condição de defender sua soberania e seu povo, por este motivo a preparação armada e de seus quadros militares não pode parar nunca. Neste sentido o estudo de História Militar na AMAN continua com sua importância destacada, uma vez que é nessa academia que se inicia a preparação de todos os oficiais da linha bélica do Exército Brasileiro.

No final da década de 1990 o Alto Comando do Exército Brasileiro decide modificar sua política de ensino em suas principais escolas, conseqüentemente a AMAN também passaria por mudanças. Havia a percepção que em um mundo cada vez mais globalizado o conhecimento de outros Estados, das sociedades e dos seus poderes militares seria necessário para formação dos cadetes, como citado a seguir:

Para os novos líderes militares, torna-se desejável possuir amplo e aprofundado estudo da história das sociedades e civilizações. Tal conhecimento passa a adquirir igual importância ao fundamental estudo da história militar das academias, até então uma ferramenta indispensável na constituição do pensamento militar e substituto da experiência direta em combate. (CALAZA, 2012, p. 50).

A modernização do ensino dentro das escolas militares do Exército Brasileiro iniciou com esta proposta de analisar as culturas dos países e o desenvolvimento das instituições militares deles. O estudo buscava verificar como essas sociedades se organizaram em suas necessidades de defesa ou de expansão, da mesma forma como contribuíram para doutrina militar ou na evolução da guerra.



Uma nova metodologia foi adotada que privilegiava a pesquisa no processo que ficou conhecido como ensino-aprendizagem, processo esse que o aluno aprende através de sua própria leitura, pesquisa e trabalhos em grupos.

A própria dinâmica de algumas salas foram modificadas, trocando mesas individuais por mesas coletivas, onde um grupo de cadetes poderia estudar os temas, debater e preparar uma apresentação ou seminário, dividida entre eles sobre algum combate ou batalha específica. Esta forma de compartilhar conhecimento era totalmente diferente didaticamente dos períodos anteriores e permitia uma participação maior por parte do cadete. Pode-se verificar a importância desta nova didática em um dispositivo de decreto da Política de Ensino do Exército que diz o seguinte:

Art. 13. Os currículos e os programas desenvolvidos no âmbito do Sistema de Ensino do Exército devem:

I – favorecer a participação discente nas atividades de ensino-aprendizagem planejadas por intermédio do trabalho em grupo, da pesquisa, de jogos educacionais e de outros procedimentos centrados no aluno<sup>6</sup>.

Sobre o material didático vamos perceber uma diferenciação significativa com os primeiros períodos, no sentido dos responsáveis pelas obras bases, enquanto os livros HISTÓRIA MILITAR, do professor Cordolino e A ARTE DA GUERRA, do Cel Ruas Santos, foram obras realizadas por profissionais de origem essencialmente de formação militar, sem especialização em história, o livro adotado a partir de 2011 foi escrito por dois capitães do Quadro Complementar de Oficiais (QCO)<sup>7</sup>, que possuíam formação específica em história realizada em instituições civis de ensino.

Neste ponto é importante salientar que a imposição anterior de que os instrutores da Cadeira de História Militar fossem todos QEMA havia terminado e que essa abertura permitiu que os capitães QCO com uma visão estruturada no mundo civil pudessem acrescentar outras formas de conteúdos.

---

<sup>6</sup> Decreto Nº 3.182, de 23 de Setembro de 1999, Capítulo IV, Artigo 13, Inciso I.

<sup>7</sup> O Quadro Complementar de Oficiais foi criado em 1988 para atividades de apoio ao Exército Brasileiro, consiste em assessorar os comandos das organizações militares em diversas modalidades, como Administração, Ciências Contábeis, Comunicação Social, Direito e Magistério.



Os capitães do Quadro Complementar de Oficiais, Cap QCO Paulo Henrique Barbosa Lacerda e o Cap QCO Iludir José Sabiam elaboraram o MANUAL ESCOLAR DE HISTÓRIA MILITAR GERAL, obra utilizada como fonte de estudo de História Militar na AMAN.

O Manual abrange da Idade Antiga até os conflitos da Guerra do Golfo. Os autores utilizam um conflito por período para extrair conhecimento da evolução da arte da guerra. As análises do manual estão sempre balizadas pelo estudo das sociedades envolvidas nos combates e de suas culturas, procurando demonstrar que os conflitos militares têm várias vertentes envolvidas e não somente de ordem militar.

Os autores ainda fazem questão de pontuar que o conteúdo de sua obra esta baseada na transformação das forças terrestres dos países que mais contribuíram para evolução da arte da guerra, conforme podemos ver “[...] à luz de um estudo analítico das civilizações que mais contribuíram para a ciência e a arte militar” (Lacerda, Sabiam, 2011, p.4).

A maior preocupação dessa obra é demonstrar que as guerras e seus fatores estão diretamente ligados às sociedades envolvidas e ao caráter cultural implícito nelas. Alertam também que o estudo de história militar deve ser um tema importante para conhecimento dos líderes militares e civis de forma a facilitar o entendimento de prováveis conflitos ou possibilidade de guerra. As guerras seriam frutos das sociedades.

Didaticamente a atuação do aluno como construtor do conhecimento através de sua maior participação em seminários e apresentações representa uma significativa mudança em relação ao período anterior. Outra modificação importante é a abordagem do conteúdo de uma forma mais próximo dos utilizados nas academias civis, também destacando um maior intercambio entre os profissionais da AMAN com seus pares de estabelecimentos de ensino civil. Cabe salientar que essa troca de informações tem aumentado consideravelmente a visão do cadete em relação à história militar, agregando não só uma percepção militar, mais também uma forma mais ampliada sobre outros fatores relevantes.



### **3. CONCLUSÃO**

Como conclusões podem ser apontadas semelhanças e diferenças entre todos os 03 (três) períodos escolhidos como corte histórico, porém mais importante do que a cronologia é que esses períodos realmente foram de inflexão e de mudança de paradigmas.

Os 04 (quatro) militares citados neste artigo buscaram fazer seu melhor visando o aprendizado de história militar pelos cadetes. Homens de épocas diferentes, vivendo contextos diferentes, mas com um único propósito, o de melhor preparar os futuros líderes militares combatentes do Exército Brasileiro, proporcionando a estes o embasamento necessário para que em momentos de necessidade possam utilizar os fatores de decisão da melhor forma possível.

A História Militar esteve presente como uma disciplina relevante na AMAN no período proposto no artigo e o Exército periodicamente realizava avaliações e mudanças significativas em relação a essa importante fonte do saber, com a intenção de consolidar um maior preparo para seus cadetes. Cabe salientar que o Exército é uma instituição nacional e as transformações ocorridas nesses períodos na sociedade brasileira também tinham reflexo nele, assim como, nos seus estabelecimentos de ensino, no caso específico deste artigo, na AMAN.

Outra conclusão do presente estudo é que além de toda dedicação e empenho dos profissionais que trabalharam na cadeira de História Militar da AMAN, também foram eles os autores dos materiais didáticos utilizados por todas essas gerações de oficiais formados naquela academia.

Em relação ao próprio material didático pode-se concluir que no primeiro período era utilizado um material descritivo e narrativo, com informações voltadas exclusivamente para uma visão totalmente militar dos fatos, dando principal destaque as figuras dos grandes generais e não havendo análises externas ou interdisciplinares.

No segundo período já ocorre uma aproximação com outras disciplinas nas análises e um estudo menos focado em personagens ou na história política, porém com uma visão também mais fixa no aspecto militar dos fatos.

Entretanto no terceiro período existe uma abrangência maior em relação aos fatores responsáveis pelos conflitos, onde se aponta dados culturais e sociais motivadores para os



fatos históricos ocorrerem, neste período é ampliado o conceito de evolução da arte da guerra, no sentido de serem frutos das sociedades.

A variação também ocorre no corpo docente da Cadeira de História Militar como foi destacado durante o estudo. No período do Cel Cordolino não havia uma determinação escrita pelo Comando do Exército, porém os professores eram todos militares de formação.

Na fase do Cel Ruas Santos já existe uma imposição de a cadeira ser composta por oficiais com o Curso de Comando e Estado-Maior do Exército, sendo estes nomeados como instrutores e não professores.

O terceiro período é, sem dúvida, o mais flexivo em relação ao corpo docente, pois não há imposição de serem somente militares de formação igual aos outros dois períodos, sendo possível a cadeira ser ocupada por oficiais especializados e formados em história em instituições de ensino civis.

Em relação à metodologia de ensino também é verificada diferenças entre os três períodos. O primeiro período era o professor o detentor de todo saber, ele conduzia os cadetes ao conhecimento e pouca era a participação do aluno na construção do conhecimento.

No período do Cel Ruas Santos a proposta era diferente, não cabia mais ao professor ser dono total do saber e sim um guia para tirar dúvidas e indicar as fontes necessárias para o entendimento pelo cadete, cabendo ao estudante o aprofundamento dos assuntos.

No terceiro período existe uma concepção totalmente diferente das outras duas, pois o professor não é o único dono do saber e nem se espera que o aluno busque conhecimento sozinho através das fontes, e sim se exige uma maior participação do aluno através de seminários e apresentações, onde eles terão que demonstrar o que aprenderam em grupo para garantir uma boa nota, é compartilhando o conhecimento que ele constrói e consolida seu saber.

Por último verificou-se que nas duas primeiras fases existia um distanciamento entre os professores de história militar da AMAN em relação aos seus congêneres civis. Na época do professor Cordolino era natural a impressão de que os estudos militares deveriam ser feitos por militares e que não havia necessidade de trocas de conhecimento com profissionais que não fossem militares. Em relação ao período do Cel Ruas Santos o distanciamento ocorreu deliberadamente porque havia uma guerra escondida de narrativas, em que as ideologias não



eram compatíveis entre o que se desejava que o cadete aprendesse e o que estava sendo proposto nas instituições civis.

Na terceira fase essas diferenças diminuíram e proporcionou uma aproximação maior entre os historiadores militares e civis, incluindo seminários e estudos de fontes de ambos os lados, proporcionando um leque maior na construção do saber.

Desta forma foram apontadas modificações em quase todas as áreas abordadas pela Cadeira de História Militar da AMAN. Nos 03 (três) períodos aconteceram mudanças de metodologia, mudanças didáticas, de materiais de estudo e até mesmo na qualificação dos docentes. Essas mudanças sempre foram objeto das escolhas da concepção de ensino de história militar que o Exército como instituição desejava que fossem transmitidas aos seus jovens cadetes.

Finalizando pode-se dizer que a história como um todo é uma ciência em constante construção e que por ser a história militar uma parte integrante dela, ainda está em construção também. O Exército procurou dar a devida importância a esta imprescindível disciplina para a formação de seus cadetes, sendo o cadete a razão máxima da existência da AMAN e futuro representante do pensamento da própria Instituição.

Um assunto importante como este não se esgotaria em apenas um estudo de artigo, porém buscou-se ao menos trazer um pouco de luz sobre a condução e modificações da disciplina de história militar na principal escola de formação de oficiais do Exército Brasileiro. Outras questões devem ser levantadas e debatidas para ampliar ainda mais o conhecimento. Cabe fazer uma pequena ressalva que seria a necessidade de edificar pontes de forma mais eficazes entre os historiadores de uma maneira geral, civis e militares, com certeza o ganho de conhecimento entre esses seletos grupos seria enorme. Hoje mais do que ontem, que o amanhã possa ser muito mais do que hoje.



## REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Pedro Cordolino Ferreira de. **História Militar**. Rio de Janeiro: BIBLIEX, 1998.
- BENTO, Cláudio Moreira. **Como estudar e pesquisar a História do Exército Brasileiro**. Resende: Editora AHMTB, 1999.
- BURK, Peter. **A Escola de Annales (1929-1989) A REVOLUÇÃO FRANCESA DA HISTORIOGRAFIA**. São Paulo: Editora UNESP, 2010.
- CALAZA, Cláudio Passos, **Inteligência Cultural – NOVOS PARÂMETROS NA FORMAÇÃO DO OFICIAL ANTE A NOVA GERAÇÃO DE CONFLITOS, BRASIL**. Rio de Janeiro: Suplemento da Revista de Villegagnon, 2012.
- FÁZIO, Ednéia. **A POLITICA DE ENSINO DO EXÉRCITO BRASILEIRO NA NOVA REPÚBLICA: O PROJETO DE MODERNIZAÇÃO (1985 – 2000)**. Tese de Doutorado. Franca: Universidade Estadual Paulista. 2008.
- LACERDA, Paulo Henrique Barbosa; SAVIAN, Elonir José. **Manual Escolar de História Militar Geral**. Resende: AMAN, 2011.
- MACHADO, Elton Licério Rodrigues. – **A HISTÓRIA MILITAR E O CURSO DE FORMAÇÃO DE OFICIAIS COMBATENTES DO EXÉRCITO BRASILEIRO: 200 ANOS DE HISTÓRIA**. Escola Naval-Ilha de Villegagnon: Suplemento da Revista de Villegagnon, 2012.
- SANTOS, Francisco Ruas. **A Arte da Guerra**. Resende: Bibliex, 1998.
- SILVA, Elia da; SILVA, Luciana Mara; BITTENCOURT, Sibeles Meneghel; PHILIPPI, Tatyane Barbosa. **Trabalhos acadêmicos na Unisul : apresentação gráfica**. Palhoça: Ed. Unisul, 2019.